

Bárbara Maria Santos Silva

João Rodrigues Amato Lusitano. Entre a vida contada e a vida vivida.

**(c.1511-1568)**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências da Saúde

Porto 2016



Bárbara Maria Santos Silva

João Rodrigues Amato Lusitano. Entre a vida contada e a vida vivida

(c.1511-1568)

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências da Saúde

Porto 2016

Bárbara Maria Santos Silva

João Rodrigues Amato Lusitano. Entre a vida contada e a vida vivida

(c. 1511-1568)

---

Bárbara Maria Santos Silva

Orientadora: Professora Doutora Judite de Freitas

Projeto de Pós-Graduação apresentado à  
Universidade Fernando Pessoa como parte dos  
requisitos para obtenção do grau de Mestre em  
Ciências Farmacêuticas.

## Resumo

João Rodrigues, conhecido por Amato Lusitano, foi um médico português do século XVI que se viu forçado a sair de Portugal por causa da Inquisição e da perseguição aos judeus que acontecia na altura. Nasceu em Castelo Branco, estudou na Universidade de Salamanca, regressou por curto tempo a Portugal e fugiu depois para a Antuérpia. Passou um longo tempo da sua vida em Itália, onde lecionou e foi médico de nomes ilustres da época, incluindo líderes políticos e religiosos. Partiu depois para onde é a atual Croácia e veio a falecer na Grécia, vítima de peste enquanto assistia os seus pacientes. A Amato Lusitano se devem a descoberta das válvulas das veias e a sua obra maior, as suas sete Centúrias. Amato era um homem do Renascimento e deixou um legado vasto em todos os aspetos.

Palavras-chave: Amato Lusitano; história da medicina; história da farmácia; investigação biográfica; Centúrias; Portugal, século XVI.

## Abstract

João Rodrigues, known as Amato Lusitano, was a Portuguese doctor in the 16<sup>th</sup> century who found himself forced to leave Portugal due to the Inquisition and the persecution of the Jewish people that happened at the time. He was born in Castelo Branco, had his education at the Salamanca University and returned to Portugal for a short time, leaving then for Antwerp. He spent a long time in Italy, where he taught his trade and was the doctor of many illustrious people, including both political and religious leaders. Afterwards he left to where is now Croatia and came to pass in Greece, victim to the plague while helping his patients. We owe to Amato Lusitano the discovery of the venous valves as well as his major work, the seven *Centuriae*. Amato was a man of the Renaissance and left a vast legacy on all accounts.

Key-words: Amato Lusitano; history of medicine; history of pharmacy; biographic investigation; *centuriae*; Portugal, 16<sup>th</sup> century.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Judite Gonçalves de Freitas, orientadora deste trabalho, pela a disponibilidade, competência, tempo dispensado, paciência e amizade. Agradeço igualmente aos docentes da Universidade Fernando Pessoa que estiveram presentes no meu percurso académico.

Agradeço também à minha família imediata, mais particularmente à minha mãe, Manuela, por tudo o que sempre fez e faz por mim, pelo seu amor e carinho permanente.

Por fim, uma palavra de imenso carinho e amizade à Ana Martins, à Catarina Gomes e ao Jorge Brites, por todo o apoio e sincera amizade que sempre me demonstraram ao longo destes anos e pela sua presença constante.

## Sumário

Introdução.....	1
Capítulo I – O Renascimento e a Medicina .....	3
Capítulo II – Os Primeiros Anos de Vida Em Castelo Branco.....	6
Capítulo III – Salamanca e a Vida Universitária .....	9
Capítulo IV – O Regresso À Pátria e a Decisão de Escrever .....	12
Capítulo V – A Flandres e A Primeira Obra Publicada.....	14
Capítulo VI- Itália, a Universidade e as Fugas Constantes.....	16
Capítulo VII – Ragusa, Salónica e a Peste.....	19
Capítulo VIII – As Obras de Amato.....	20
Capítulo IX – Alguns Casos Curiosos.....	22
Capítulo X – O Juramento de Amato Lusitano.....	26
Conclusão.....	30
Bibliografia.....	32

## Introdução

Radicando num interesse suscitado durante as aulas da unidade curricular de História e Sociologia da Farmácia, o objeto de estudo deste trabalho é o de proceder a uma biografia intelectual de João Rodrigues, comumente conhecido por Amato Lusitano, autor de importante obra no âmbito da medicina e da farmácia no século XVI. O que se pretende ao elaborar uma biografia intelectual é não a descrição biográfica da vida e personalidade do autor em sentido estrito, mas enquadrar o desenvolvimento das etapas da sua vida no contexto histórico e sociológico, considerando os lugares por onde foi desenvolvendo a sua obra.

Os objetivos gerais do presente trabalho são enquadrar os principais campos de atividade do autor nos períodos e espaços de vida. São objetivos específicos conhecer as heranças e as influências “científicas” de Amato Lusitano, mormente da Antiguidade Clássica (em que sobressaem autores como Dioscórides e Hipócrates) e ainda categorizar os principais ensinamentos e propostas do autor, além dos avanços produzidos.

Inserido no contexto do Renascimento, conquanto movimento cultural e político, Amato Lusitano suscitou enorme curiosidade no seu tempo, mas também foi gerador de igual dimensão polémica. Perseguido, fuge da sua terra natal, e viaja por toda a Europa, tornando-se médico de muitas figuras proeminentes da época, quer da esfera política, quer da religiosa. Contudo, Amato Lusitano não se limitou só a cuidar de quem tinha posses e poder; Amato tratava igualmente pessoas do povo com todo o tipo de doença e lamentava-se quando não era possível, por falta de meios, dar o melhor desfecho ao caso. Amato era de certo modo um ativista pela paz religiosa, no sentido em que se nota nas suas palavras e atitudes a luta constante pela igualdade de tratamento e oportunidades.

Um dos fatores que permeiam horizontalmente todas as biografias consultadas é a grande itinerância do autor, não só em termos geográficos dado que este viajou muitíssimo, em especial para o que era comum à época, como se pode desde já observar, mas também em termos temáticos.

A pesquisa bibliográfica para este trabalho passou pelo uso de motores de busca de artigos científicos e monografias (livros) nos Repositórios Universitários e em bibliotecas universitárias e municipais. A pesquisa de artigos e livros assume especial importância, recorrendo-se, pois, a bibliotecas da zona do Grande Porto. Após a reunião da informação recolhida foi dado início à respetiva leitura, efetuando fichas de leitura para melhor compreender as etapas do percurso de vida do autor. Entre o conjunto de livros e artigos científicos recolhidos, não existe informação sobre algumas das etapas de vida do autor, assim como uma maioria repete os temas constantes ‘conhecidos’ sobre a vida e obra do autor, de modo que houve necessidade que considerar a melhor forma de apresentar o trabalho do autor. Optou-se por subdividir os capítulos do presente trabalho de acordo com os lugares onde habitou, trocou conhecimentos e ensinou, proporcionando um itinerário intelectual da vida e obra de Amato Lusitano. Esta escolha deveu-se também à forte itinerância manifestada no percurso vida. Uma forma, de algum modo, original, de apresentar o trabalho final.

Neste contexto, a estrutura deste trabalho articula a ordem cronológica com a história de vida científica e profissional.

No primeiro capítulo, aborda-se uma visão geral sobre a Medicina e a Farmácia na época do Renascimento (séc. XIV a XVII), enquanto que no segundo explana-se a infância do autor, ainda em Castelo Branco; o terceiro capítulo versa sobre o seu tempo na Universidade de Salamanca e o quarto capítulo prende-se com o seu regresso a Lisboa e a decisão de começar a reunir casos para as suas *Centúrias* (a sua obra maior); o quinto capítulo fala da partida para a Flandres e o sexto da sua longa estadia em Itália. O sétimo capítulo discorrerá sobre a sua viagem para o Império Otomano e as circunstâncias da sua morte. Os oitavo e nono capítulos permitem uma visão mais particular das *Centúrias*, abordando o que são e alguns casos que se decidiu destacar e, por fim, no décimo capítulo toca-se no Juramento de Amato Lusitano.

## Capítulo I – O Renascimento e a Medicina

Um homem é, pelo menos parcialmente, fruto do tempo em que vive e, como tal, faz sentido abordar a temática do Renascimento, época histórica em que João Rodrigues Amato Lusitano nasceu, viveu e morreu.

O Renascimento é o período da civilização europeia imediatamente precedido pela Idade Média e é caracterizado pelo renovado interesse na sabedoria e nos valores da época Clássica. Vários autores apontam datas divergentes para o início do Renascimento, uma vez que não se considera que terá começado ao mesmo tempo por toda a Europa. Contudo o período mais comumente apontado é de meados do século XIV, iniciando com Petrarca, até ao século XVI. Florença era o centro de todo este movimento, uma “capital da Europa”, por assim dizer. O Renascimento foi o período histórico riquíssimo. Para citar apenas alguns eventos deste período basta dizer que foi durante o Renascimento que tiveram lugar os descobrimentos, que se vê invenção da impressão de papel com Gutenberg, que o comércio realmente floresce e prospera ao passo que o sistema feudal entra em declínio acentuado, que se observa a mudança de um pensamento geocêntrico para um heliocêntrico no que concerne a Astronomia, que se dá a invenção da bússola tal como se conhece hoje em dia bem como a invenção da pólvora, entre tantos outros eventos marcantes que continuam a ter influência na vida do Homem do séc. XXI (Renascimento, 1978) (Renaissance, 2016).

A Medicina e a Farmácia não poderiam ficar de fora de tantos avanços, não só porque com os descobrimentos vieram novas doenças e novas espécies botânicas com interesse, mas também porque começava a ser mais fácil transmitir informação entre homens da “ciência” e porque, a pouco e pouco, o misticismo ia cedendo lugar a práticas curativas menos assentes na religião e mais assentes no conhecimento do mundo físico, de acordo com a filosofia do Humanismo (Pita, 1998).

Salienta-se, sem sombra de dúvida e no que mais tarde se verá dizer respeito a Amato Lusitano e sua obra, o nome de Hipócrates, “pai da medicina”. Hipócrates ensinava medicina em Cós, na Grécia, tendo nascido c. 460 a.C. e morrido c. 375 a.C (Hippocrates, 2016). A Escola de Cós centrava-se mais na progressão e prognóstico da doença do que na doença propriamente dita, ao contrário de outras correntes da época (Pita, 1998). É possível ver esta influência claramente na obra de Amato.

Uma vez que a Grécia Antiga era tão importante para os homens do Renascimento, entre os quais podem contar-se também médicos e porque Amato se referia constantemente a personagens e obras Clássicas, importa esclarecer alguns conceitos populares nesta época e que virão a ser usados vastamente antes, durante e depois do tempo de Amato. Um dos conceitos mais relevantes será, por ventura, a questão dos humores uma vez que nas suas Centúrias, Amato, ao descrever o paciente e o caso clínico em si, fazia referência aos mesmos quase sempre. O humor, de acordo com o pensamento hipocrático, é caracterizado por ser o suporte das quatro qualidades elementares, a saber: o frio, o calor, a humidade e a secura. Assim, a teoria desenvolvida passou por definir que no organismo existem quatro humores: sangue, pituíta, bÍlis amarela e bÍlis negra. Conforme as combinações que estes humores adquirissem, assim era o temperamento da pessoa em causa (sanguÍneo, fleumático, bilioso ou melancólico) e assim se estabelecia a saúde em caso de equilíbrio dos mesmos ou a doença, em caso de desequilÍbrio (Pita, 1998).

Voltando à temática da medicina no Renascimento em si, o primeiro passo para toda a inovação que se seguiu terá sido, indubitavelmente, o progresso da anatomia e estudos anatómicos. A partir daqui e a exemplo do anatomista André Vesálio (1514-1564), foram-se corrigindo ou verificando as ideias e teorias clássicas que já contavam com mais de mil anos. Com um entendimento da Anatomia mais aproximado da realidade, a cirurgia melhora embora continue a ser mal vista por muitos.

Uma doença muitíssimo relevante e nova na Europa na época do Renascimento era a sífilis, que mereceu a Amato muito estudo, cuidado e menções. Fracastoro (1483-1553) descreveu-a e inclinou-se desde logo para a transmissão pela via sexual e transmissão vertical. Quanto à origem, os estudiosos dividiam e dividem-se entre os que defendem que veio das Américas e os que defendem que já existia na Europa e que as características da doença foram alteradas com o tempo, parecendo uma doença nova, mas não o sendo necessariamente.

No que diz respeito à farmácia, até ao Renascimento, os ensinamentos de Galeno e Dioscórides prevaleciam sem grande disputa. Porém, ao sofrerem inúmeras traduções e adaptações, os ensinamentos foram-se afastando lentamente do original. Em 1530 surge o primeiro herbário moderno e a influência de Paracelso atinge o seu expoente máximo.

Os descobrimentos trazem inúmera matéria-prima nova para os farmacêuticos da época e uma maior necessidade de sistematizar tudo o que se conhece na área da farmácia. Os nobres são incentivados pelos homens da “ciência” a mandarem construir e manter hortos e jardins botânicos, ficando alguns a cargo do clero. Salienta-se ainda o nome do português Garcia da Orta (1501-1568) que deixou a sua obra “Coloquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia” para a posteridade.

Portugal teve, nesta época, muitos médicos e boticários ilustres, quer nascidos em Portugal propriamente dito, quer nas colónias e territórios ocupados como Cabo Verde, Índia, China entre outros (Pita, 1998).

Em resumo, e fazendo a ligação com o autor sobre quem versa este trabalho, Amato era um verdadeiro homem do Renascimento, em todos os aspetos.

## Capítulo II – Os Primeiros Anos de Vida Em Castelo Branco

Possivelmente, um dos elementos prioritários será definir quem era, afinal, Amato Lusitano. O nome João Rodrigues e suas variantes eram e são muito comuns por toda a Península Ibérica (Dias, 1971), de modo que muita da informação contraditória, especialmente no que concerne a infância e juventude do autor bem como a sua vida particular deve-se à confusão que o seu nome de cristão-novo possa gerar. Em torno de 1500, Rodrigues, Rodrigo e Ruiz, todas formas do mesmo sobrenome, eram o nome de família mais comum com cerca de 20% da população a assiná-lo. Paralelamente com o que acontece hoje em dia com o nome Silva, o mesmo sobrenome não é garante de nenhum tipo de parentesco, o que leva a que as informações sobre a genealogia e princípio de vida de João Rodrigues Amato Lusitano sejam, não raras vezes, incertas ou contraditórias (Morais, 2015). Tal incerteza começa logo no que diz respeito ao ano de nascimento de Amato Lusitano e à idade com que entrou para a universidade, desvanecendo de seguida, aos poucos, uma vez que o próprio foi datando e comentando pequenos detalhes não só do âmbito da sua atividade profissional enquanto médico, mas também do âmbito mais pessoal e socioeconómico e cultural dos inúmeros locais por onde foi passando nas suas muitas viagens.

João Rodrigues Amato Lusitano nasceu em Castelo Branco, entre 17 de agosto de 1510 e 15 de agosto de 1511 (Morais, 2015), embora a maioria dos autores apresentem 1510 como data inequívoca. O dado indubitável que se possui hoje em dia é que quando datou a sua quarta Centúria, em 1553, Amato Lusitano afirmou ter 42 anos (Lusitano, 2010).

João Rodrigues nasceu de uma família cristã-nova, ou seja, de judeus convertidos à força ao Cristianismo para fugir à Inquisição que perseguia, prendia, condenava, torturava e executava os judeus a mando do Vaticano e da Coroa Portuguesa. Para entender a vida de Amato Lusitano e também um dos motores maiores da sua obra, urge entender o contexto sociocultural em que este autor nasceu e cresceu.

No final de 1496 foi proclamado, em Muge, o “édito de expulsão”. Portugal, que até então tinha sido relativamente tolerante para com outras religiões tinha acolhido, a troco de uma avultada taxa (Morais, 2015), os judeus vindos de Castela após o “Decreto de Alhambra”,

que visava expulsar judeus e muçulmanos do mencionado território. Por forma a entrarem em Portugal, deviam fazê-lo por uma de cinco localidades pré-definidas, pagar 8 cruzados por pessoa<sup>1</sup> e só lhes era permitida permanência por 8 meses findos os quais, se não saíssem, se poderiam tornar escravos (Corrêa, 2012). O “édito de expulsão” foi a versão portuguesa do Decreto de Alhambra, obrigando todos os judeus a converterem-se e dando aos muçulmanos a opção de se converterem ou saírem do país. Não foram tempos desprovidos de controvérsia e movimentações políticas com interferências constantes de Castela e do Vaticano. No ano de 1497, os judeus foram batizados à força e assim “convertidos”, sendo que a desconfiança para com estes cristãos-novos era constante e crescente. Em 1506, deu-se, em Lisboa e partindo da Igreja de S. Domingos, que ainda existe, a Matança da Páscoa – uma revolta popular em que os cidadãos de Lisboa saíram à rua no Domingo de Pascoela e mataram entre duas a quatro mil pessoas que presumiam ser judeus ou cristãos-novos, incluindo mulheres grávidas e crianças de todas as idades, mas não sem antes violar as mulheres e pilhar as casas das vítimas. Só o envio de tropas por parte do Rei D. Manuel I, que tinha originalmente assinado o édito de expulsão, conseguiu por termo ao massacre que durou três dias e três noites. Portugal passava por um período de fome e peste, de tal modo que a Corte se tinha mudado para Abrantes. Em 1515, D. Manuel I pede ao papa Leão X que autorize a formação de um tribunal da Inquisição semelhante ao do Santo Ofício de Espanha, mas vê o pedido negado. O pedido foi reiterado pelo seu sucessor, D. João III, e aceite em dezembro de 1531 (Pinto e Matos, 2013).

Amato Lusitano, ao longo da sua obra, fez referência a alguns membros da sua família e será essa a fonte mais fidedigna. Amato refere-se apenas a dois irmãos: José Amato, referido na terceira Centúria – cura 8, e Pedro Brandão, referido em *In Dioscoridis* (Lusitano, 2010) (Lusitano, 1536). Há referência também a um sobrinho, Brandão, que exercia então medicina em Bristol. O autor não refere nenhum tipo de ascendente, embora possam ser tiradas algumas ilações – pensa-se que a família de Amato Lusitano não fosse abastada já que o mesmo afirmou que, quando criança, caçava víboras que eram usadas na preparação de teriaga, usada como antídoto. Assim, supõe-se também que um elemento da família próxima de Amato se dedicasse à botica. Alguns autores apontam primos e tios

---

<sup>1</sup> Oito cruzados corresponderiam sensivelmente a 3200 reais. Para comparação, retenha-se que, à época, o “mantimento anual” de um físico/médico judeu em Portugal era de 2000 reais (Ferreira, 2007)

a Amato, até chegam a indicar a mãe, mas estas aparentes deduções caem por terra quando se confrontam os dados que estes autores apresentam com a linha cronológica da vida de Amato Lusitano, que chega aos nossos dias pela mão do próprio nas suas Centúrias. Há ainda uma referência a uma prima chamada Anna Pires, mas não é possível confirmar o parentesco, uma vez que os documentos que o poderiam fazer sofreram várias e variadas edições até ao presente, prestando-se a interpretações díspares por meio de erros e/ou traduções múltiplas (Morais, 2015).

Não se lhe conhece cônjuge e o próprio afirmou não ter tido filhos no seu juramento presente na sétima Centúria (Lusitano, 2010). Relativamente à questão de ter tido ou não algum cônjuge, é possível especular que, pelo menos a discrição de Amato quanto a este facto possa de algum modo estar ligado ao juramento de Hipócrates, que Amato admirava e em quem se inspirava, ou à sua interpretação pessoal de onde se jura guardar castidade (ou pureza, conforme as traduções) e santidade.

### Capítulo III – Salamanca e a Vida Universitária

Já foi objeto de nota o quão comum era o nome João Rodrigues no início do século XVI e quando se trata de relatar os anos que Amato Lusitano passou ligado à Universidade, tal facto torna-se novamente num obstáculo ao apuro de dados concretos. Sabe-se que Amato Lusitano estudou medicina na Universidade de Salamanca, contudo durante o século XVI é possível identificar 21 estudantes de medicina com o mesmo nome nesta universidade (Santander, 1984). Este facto pode criar alguma confusão sobre quem realmente era o João Rodrigues que viria a assinar Amato Lusitano. Há uma grande variedade de informação quanto à questão da entrada de Amato Lusitano para a Universidade de Salamanca, da qual muito se orgulhava (Morais, 2015), chegando alguns autores a sugerir que este terá entrado para a Universidade aos 9 anos de idade (Rasteiro, 1995) ou terminado os seus estudos ainda adolescente (Lemos, 1907). O mais aceite no presente momento é que Amato Lusitano terminou os seus estudos em 1532 (Santander, 1984).

A Universidade de Salamanca tinha, na altura, uma ocupação média de 6 mil alunos, mas poderia chegar aos 11 mil. Os portugueses, regra geral, eram acolhidos no colégio de Santa Maria de Veiga e será razoável afirmar que Amato Lusitano aqui se tivesse hospedado uma vez que não há menções de outro sítio onde se hospedasse.

Sabe-se que o Curso Médico desta Universidade abrangia não só o bacharelato em artes, composto por aulas de lógica, matemática, música, grego e hebraico, mas também a frequência da cadeira de Filosofia Natural e ainda das duas cadeiras de medicina: de prima e de véspera. Nas aulas de lógica, Amato Lusitano estudou os ensinamentos de Aristóteles; nas de matemática aprendeu não só aritmética, mas também geometria e cosmografia entre outras. Nas aulas de música, era requerido aos alunos que aprendessem canto em várias formas e nas aulas de grego e hebraico, naturalmente, os alunos aprendiam estas línguas (Lemos, 1907). A aprendizagem do grego era importante para um homem do Renascimento que frequentasse a Universidade uma vez que o próprio movimento renascentista se focava em seguir o exemplo das civilizações Clássicas (Gregas e Romanas); quanto ao latim, pressupunha-se que todos os que chegassem à

universidade o soubessem porque era considerado elemento da formação básica e elementar de um jovem (Ramalho, 1962).

Uma vez prestado com sucesso o exame no final do bacharelato, o aluno que pretendesse ser médico poderia frequentar mais três anos de universidade, assistindo às aulas de medicina de prima e medicina de véspera durante esse triénio e durante os dois primeiros anos, adicionando ao seu programa curricular filosofia natural. Nas aulas de filosofia natural, o foco estava sobre os textos de Aristóteles que diziam respeito à metafísica, moral, política e canónica (Lemos, 1907). Na cátedra de medicina de prima, as lições centravam-se nos ensinamentos de Avicena; na de Medicina de Véspera, estudavam-se os Aforismos de Hipócrates e o Ars Médica de Galeno (Montes e Garcia, 1994). Contudo, a formação não terminava por aqui, posto que era ainda necessário apresentar testemunhas de ter frequentado regularmente a clínica de algum doutor ou licenciado da Universidade de Salamanca – uma espécie de estágio de, no mínimo, meio ano (Lemos, 1907). Só então poder-se-ia considerar que o aluno tinha concluído o seu curso e era, efetivamente, médico. Amato terá concluído esta parte final da sua formação universitária em dois hospitais de Salamanca: o de Santa Cruz e o de Santa Maria a Branca, sendo que este último se especializava no acolhimento e (possível) tratamento de doentes com sífilis (Ferraz, 2013).

A maior parte dos médicos da Idade Média e Renascença menosprezavam a cirurgia, achando-a uma tarefa “menor” (Morais, 2015), porém Amato estudou também cirurgia (Lemos, 1907), embora na sua prática clínica acabasse maioritariamente por mandar chamar cirurgiões, de acordo com o próprio. O Juramento de Hipócrates, na sua forma original, recomenda que não se tome a “faca”, ou seja, que não se façam incisões ou cirurgias e Amato, como seguidor e admirador de Hipócrates, cumpria esta recomendação no que dizia respeito aos pacientes.

Se é verdade que Amato Lusitano se tornou num ilustre vulto da medicina, não menos ilustres serão os de alguns dos seus colegas. A destacar, Luís Nunes de Santarém, que veio a ser Professor na Universidade de Lisboa, médico de Catarina de Médicis e da Rainha Isabel I de Inglaterra, aquando de uma das suas várias visitas à Europa Continental, João Aguilera, médico dos papas Paulo III e Júlio III e André Laguna, que

entre os seus feitos contou com primeiras traduções de obras Clássicas, o exercício da medicina na corte de Carlos V de Espanha, o ensino e a defesa da Igreja Católica face aos protestantes luteranos, o que lhe valeu uma condecoração do Vaticano, bem como muitos outros feitos dignos de nota (Lemos, 1907).

#### Capítulo IV – O Regresso À Pátria e a Decisão de Escrever

Findo o seu percurso académico em 1532, Amato volta a Portugal, mas não se fixa de imediato em nenhuma região em particular. Passa por Évora, que então tinha uma grande quantidade de judeus, Setúbal, Santarém e Coimbra, entre outras, mas tendo-se demorado bastante nesta última. Mais tarde, nas suas Centúrias, viria a descrever não só casos clínicos aqui registados, mas também os seus diagnósticos e curas e ainda outras curiosidades como a existência de curandeiras, remédios e plantas medicinais usados pelos locais (Lemos, 1907). Amato Lusitano só afirma ter exercido clínica em Lisboa desde a sua volta a Portugal e aqui começou a reunir dados para os seus livros futuros que a invenção e popularização da imprensa ajudou a divulgar.

É em Lisboa que Amato tem maior contacto com toda a espécie de novidades vindas de Além-Mar e dá um grande impulso à botânica estudada em Portugal. Nos anos 30 do século XVI, Portugal encontrava-se precisamente no processo de expansão e era assaz frequente o aportamento de barcos trazendo toda a espécie de plantas, animais e descrições de terras exóticas. O reconhecimento do Brasil, em 1500, foi um marco muito importante também para a medicina e Amato Lusitano prestava especial atenção ao que vinha de Terras de Vera Cruz, sem esquecer o que lhe chegava vindo da Índia, Cabo Verde e Madeira.

Importa regressar a uma breve análise da conjuntura sócio-cultural e da vida dos judeus neste período histórico. D. Manuel I, falecido no final de 1521 (Serrão, 1976), protegeu os cristãos-novos no final da sua vida, tornando novamente ilegal a discriminação contra estes, proibindo que se investigasse a vida privada e se praticavam ou não o cristianismo e pedindo ao papa que proibisse os bispos de julgarem cristão-novos por crimes de fé (Morais, 2015). Porém, em 1525 a Corte reuniu em Torres-Novas e foram pedidas medidas contra os judeus e cristãos-novos. A exemplo, pediu-se que os cristão-novos deixassem de poder exercer medicina e que não pudessem ser boticários sobre o pretexto de que estes estariam juntos na tarefa de envenenar os cristãos-velhos. Pedia-se, ainda, que as receitas fossem escritas em “vulgar” em vez de latim para que pudessem ser melhor entendidas pelas demais pessoas. A desconfiança terá surgido pelo caso de um médico condenado, cristão-novo, que afirmou ter envenenado alguns desafetos e do facto de os

boticários prepararem o que os médicos prescreviam sem a preocupação de confirmar se o prescrito estava de acordo com a indicação terapêutica. O pedido não foi aceite, mas certamente que a suspeita não foi, de todo, desfeita (Lemos,1907). Em 1531 chegou a Portugal a bula papal a permitir a Inquisição, mas esta só viria a principiar oficialmente em 1536, sendo que em 1534 já Amato Lusitano se encontrava a sair do país.

Se se considerar que em 1536 Amato tinha conseguido lançar o seu primeiro livro, *Index Dioscoridis*, é natural que se chegue à conclusão de que já o teria começado a escrever em Lisboa. No processo foi recolhendo também casos que só chegariam a ser partilhados em livro nas Centúrias. Dois casos interessantes e vastamente difundidos incluem, na cura 39 da segunda Centúria, a história de Anna Pacheco uma menina que viva perto de Coimbra, a quem, depois da menarca<sup>2</sup>, surgiram órgãos sexuais masculinos até então ocultos. Foi-lhe mudado o nome para Manuel e mudou-se para Índia, onde teve uma carreira de sucesso. Por fim, regressou a Portugal, tendo casado. Amato desconhecia se teria tido filhos, sabia apenas que não teria desenvolvido caracteres sexuais secundários como, por exemplo, barba. Outro caso, que será digno de nota aparece na cura 13 da terceira Centúria seria de um nobre da família dos Távora que teria uma infeção parasitária de tal modo extensa que provocou a sua morte – o facto talvez mais incomum é que tinha consigo constantemente dois escravos que lhe retiravam os parasitas (Lusitano, 2010). Retomar-se-á esta temática nos capítulos VIII e IX.

A urologia, ginecologia e venereologia são temáticas recorrentes nas Centúrias, além das doenças que hoje seriam ligadas à psiquiatria. A sífilis, sua descrição e maneiras de tratar ou atenuar sinais e sintomas assumem um papel central em boa parte da obra de Amato – o primeiro caso registado de sífilis data de 1494/95 em Nápoles, Itália, durante uma invasão Francesa (Tampa, 2014).

---

<sup>2</sup> Menarca é o nome dado à primeira menstruação.

## Capítulo V – A Flandres e A Primeira Obra Publicada

Antuérpia era, desde o princípio do séc. XVI, um lugar seguro para os judeus. Se a cidade oferecia aos judeus proteção e abrigo, os judeus praticavam atos de caridade e filantropia, enquanto fomentavam o crescimento da economia local dedicando-se ao comércio de toda a espécie de joias e metais preciosos, especiarias e outros, e às artes, maioritariamente (Lemos, 1907). Por lá, Amato ficou 7 anos (Lusitano, 1536).

Ao contrário do que acontecia anteriormente e viria a acontecer depois, Amato não se alongou muito no que viu em Antuérpia e raras menções faz em Dioscoridis a plantas locais, referindo apenas as que vinham de Portugal. Poder-se-á apenas especular o porquê – mágoa por ter sido forçado a sair? Saudades da terra-mãe, que, de resto, sempre manifestou de um modo ou de outro? Deficiente conhecimento da língua?

Não obstante, Amato fala das pessoas que conheceu. Refere o cônsul português, Manuel Cirne, o qual vivia principescamente e deu um banquete no qual mandou queimar canela em lugar de madeira tanto nas cozinhas como nas lareiras – note-se que a canela, enquanto especiaria que é, teria um preço avultadíssimo. Quando adoeceu, Amato foi o seu médico, curando-o de “febres terças duplas”, uma doença comum na altura como é apresentado na terceira cura da primeira Centúria. Amato foi regamente pago, pese embora não ser essa a sua política habitual como afirma mais tarde no seu juramento (Lusitano, 2010). Amato e Manuel Cirne ficaram amigos (Lusitano, 1536). Amato foi também médico do próprio burgomestre<sup>3</sup> de Antuérpia, que curou de reumatismo de acordo com a cura 99 da primeira Centúria (Lusitano, 2010)

Amato publicou o seu primeiro livro, *Index Dioscoridis*, dois anos depois da sua chegada a Antuérpia, ou seja, em 1536. Neste livro, Amato fala sobre inúmeras plantas que lhe chegava de Portugal, quer endémicas, quer chegadas das colónias por via marítima. A Casa de Portugal, que Amato frequentava, tinha a seu cargo um jardim, cuidado pelos

---

<sup>3</sup> Uma espécie de Presidente da Câmara nos dias correntes.

monges franciscanos e com plantas medicinais, que Amato também se dedicou a estudar e incluiu no referido livro.

Amato explicou a um dos amigos que fez em Antuérpia, o alemão João Ammonio Agricola, o porquê do uso do pseudónimo Amato Lusitano ao invés de manter o nome João Rodrigues. Tão simplesmente porque era isso que faziam outros homens que se dedicavam à escrita

Outro dos nomes que Amato refere na sua obra é o do Farmacêutico Português Simão de Sousa. Era um homem muito instruído e a quem se devem nomes comuns de plantas medicinais em Português, entre outros feitos importantes no mundo da Botica (Lemos, 1907).

Como já se disse, Amato permaneceu 7 anos em Antuérpia, seguindo depois viagem para Ferrara.

## Capítulo VI- Itália, a Universidade e as Fugas Constantes

Hércules II D'Este, filho de Lucrecia Borgia e neto do papa Alexandre VI era Duque de Ferrara, Modena e Reggio quando, em 1541, Amato Lusitano chega a Ferrara depois de uma breve passagem por Génova. Ferrara era um local onde as artes e a “ciência” eram apreciadas e incentivadas, sendo uma cidade moderna para época, de modo que muitas personagens do Renascimento eram chamadas até lá. Amato foi recebido na Corte e lá possuía ligações, sendo que não está determinado se era ou não médico da corte apesar de se pensar que sim, dado ter tratado Diana d'Este, parente do Duque, o que figura na segunda Centúria, cura 100. A princípio ficou alojado no palácio de Francisco da Villa, nome importante da cidade, como se pode observar na cura 30 da primeira Centúria.

Amato foi professor na Universidade de Ferrara, onde explicava os textos de Hipócrates e Galeno, que tão caros lhe eram, o que se pode ler na cura vigésima quarta da sexta Centúria (Lusitano, 2010). Através deste cargo, conheceu outros notáveis da sua época, tal como Gabriel Fallopio e Canano, célebres anatomistas e Antonio Musa Brasavola, importantíssima figura da História da Medicina (Lusitano, 1536)

Amato nunca deixou de lado o seu interesse pelas plantas medicinais, e o tempo passado em Ferrara não terá sido exceção. Amato encorajava os seus alunos a visitarem o horto da cidade e descreveu espécies botânicas de seu particular interesse postas as qualidades medicinais que lhes via como o choupo e o jasmim (Lemos, 1907), respetivamente *Populus spp.* usado maioritariamente pela atividade anti-inflamatória, antibacteriana, antipirética e espasmolítica devido à presença de glucósidos salicílicos e flavonoides (Cunha et al., 2012) e *Jasminum spp.*, usado então como tratamento para a hepatite, sendo que contém glicosídeos secoiridoides usados como anti-inflamatório e antiviral (Ma et al, 2001) .

Retomando, pois, a temática dos ilustres personagens com que Amato privou enquanto lecionou na Universidade de Ferrara, importa salientar João Batista Canano, conhecido por ter descoberto o músculo curto palmar, na palma da mão, mas relevante na história de Amato por o ter ajudado a descobrir as válvulas das veias e a inventar alguns instrumentos cirúrgicos (Lemos, 1907). Alguns historiadores atribuem a Acquapendente,

a descoberta das válvulas da veias, mas este só fez a sua demonstração em 1574, já depois da morte de Amato (Dias, 1955). Consta da primeira Centúria de Amato a seguinte descrição inequívoca:

“(...) a veia ázigos nunca mais devolve para a veia cava o sangue que dela recebe e está tão bem fabricada no seu orifício que tem certas válvulas que se abrem para receber o sangue, mas depois se fecham de maneira que não deixam mais retorcer o sangue recebido (...)”.

Além do já referido, Amato introduziu outra inovação na medicina ensinada em Ferrara: em Ferrara não se praticavam escarificações e foi Amato que levou até Ferrara essa técnica tão amplamente usada em outros locais como indica a cura 18 da primeira Centúria.

Se por um lado em Ferrara havia alguma tolerância religiosa conquanto fosse benéfico e produtivo para a cidade e seus governantes, Ferrara também tinha um tribunal da Inquisição que chegou a julgar e condenar a prisão perpétua a própria Duquesa, Renata. É possível que tal tenha acabado por motivar a saída de Amato de Ferrara, em 1547, para Veneza onde permaneceu pouco tempo. Ainda em 1547, Amato fixou-se em Ancona (Lusitano, 1536)

Ancona não tinha a vida académica de Ferrara, mas tinha outros benefícios, nomeadamente a tolerância religiosa e um porto que recebia mercadoria de todos os locais do mundo, tendo assim ajudado Amato no estudo dos símplices ou simples<sup>4</sup>. Por esta altura, havia cerca de 3000 judeus de origem portuguesa em Ancona, bem como bancos e sinagogas, além de demais comércio cujos donos eram judeus (Lemos, 1907).

Em Ancona, Amato foi médico da irmã e do sobrinho do papa Júlio III, como se confirma na segunda Centúria nas curas 1 e 20, respetivamente (Lusitano, 2010). Em maio de 1550, foi chamado a Roma para ser médico do próprio papa Júlio III por recomendação da irmã

---

<sup>4</sup> Matérias primas de origem vegetal (Pita, 1999)

do mesmo, embora se tenha demorado pouco na cidade, saindo em finais de 1551 (Lemos, 1907). Em 1536, Júlio III dava ordem que se queimassem Talmudes em praça pública.

De Roma, Amato viajou para Florença, a “capital” da Europa Renascentista, paragem obrigatória para um humanista como Amato. Aqui publicou a sua primeira Centúria, dedicada a Cosme de Médicis, governante desta cidade, mas em 1552 já se encontrava de regresso a Ancona (Lusitano, 2010). Em 1553 publica *In Dioscoridis Anazarbei de Medica Materia Libros Quinque Enarrationes Eruditissimae*.

Quando Paulo IV se tornou papa, em Maio de 1555, retomou a rigorosa perseguição aos judeus, afetando em especial Itália e, por conseguinte, Amato Lusitano. O próprio Amato afirma que largou tudo e fugiu para Pesaro, tendo chegado em finais de 1555, e de lá para Ragusa, sendo que os emissários de Paulo IV ficaram com todos os seus pertences, incluindo ouro, livros (que na altura eram um bem precioso e ao alcance de poucos), roupas e até manuscritos da sua Quinta Centúria que estaria quase concluída bem como outros documentos em que estava a trabalhar (Lusitano, 2010).

Uma vez em Pesaro, Amato tentou reaver pelo menos os seus livros. Escreveu a Navio de Bolonha que lhe devolveu apenas o manuscrito da 5ª Centúria com 69 casos clínicos (Lusitano, 2010). Amato finalizou-a, então, nesta cidade e, em agosto de 1556, Amato já se encontrava em Ragusa (Lemos, 1907).

## Capítulo VII – Ragusa, Salónica e a Peste

Ragusa, atual Dubrovnik, era, no tempo de Amato Lusitano, uma república protegida pelo Império Otomano. Muitos judeus tentaram fugir para ou por Ragusa quando Júlio III reiniciou as perseguições; alguns foram apanhados e tornados escravos, outros ainda foram impedidos de partir de todo (Lemos, 1907). Amato pouco fala da cidade, além de comentar que era pequena (Lusitano, 2010).

Em 1558, Amato Lusitano fixa-se em Salónica, cidade não só tolerante para com o povo judeu, como acolhedora por toda a conjuntura política: interessavam os bons termos com o povo judeu uma vez que muitos fugiam de países com riquezas como Portugal, Espanha e Itália por exemplo e, ao pretenderem estabelecer-se em cidades como Salónica trariam riquezas e progresso a todos os níveis (Lemos, 1907).

Amato conhecia famílias ilustres em Salónica e também exerceu a clínica nesta região. As três últimas Centúrias foram publicadas em Salónica, apesar de só a sétima conter efetivamente casos passados em Salónica, sendo que havia epidemias graves com frequência pelo que relata Amato.

Porque foram tempo muito conturbados, pouco se sabe sobre a vida de Amato nesta altura. O próprio poucos comentários faz e desde a publicação da sua sétima Centúria em 1561 até à sua morte em 1568 não há informações sobre o que se terá passado na vida de Amato.

Amato faleceu a 21 de janeiro de 1568, em Salónica, vítima de peste, enquanto prestava cuidados a outros doentes com esta mesma patologia. Pensa-se que terá sido enterrado em vala comum como era costume quando se tratava de vítimas de peste (Lemos, 1907).

Faleceu sem concluir a sua obra, sendo que os seus desejos maiores eram, de acordo com o próprio, educar novas gerações e deixar dez Centúrias (Lusitano, 2010).

## Capítulo VIII – As Obras de Amato

Amato Lusitano deixou uma obra extensa, apesar de não a ter concluído. Em Antuérpia, publicou o seu comentário a *De materia medica* de Dioscórides, a que chamou *Index Dioscoridis*. Neste livro, Amato procurou confirmar ou desmentir cada afirmação de Dioscórides, tentando encontrar em casos que tivesse visto ou dos quais tivesse tido notícia, aliando o registo do nome comum português das plantas medicinais mencionadas. Comenta ainda casos, acontecimentos ou lugares que se relacionam com o que está a comentar. Os ensinamentos de Galeno e Dioscórides eram muitas vezes tidos como dogmas e muitos autores tinham medo de escrever comentários discordantes (Lemos, 1907).

Quanto às Centúrias, Amato seguiu um procedimento algo popular na altura, que era uma reunião do que hoje se chamariam casos clínicos. Cada Centúria é uma coleção de 100 curas, conselhos e comentários relacionados com a sua vivência e a vivência dos que rodeavam Amato e com quem contactou e trabalhou. A intenção era ajudar a organizar e transmitir ensinamentos aos seus alunos, mas também deixar para a posteridade um registo de como tudo era no seu tempo de vida (Lemos, 1907). O objetivo de Amato era reunir dez Centúrias, perfazendo então um total de mil casos. Reuniu 701 casos (uma das Centúrias tem dois casos com o mesmo número) e embora a maioria verse sobre doenças do foro psiquiátrico e sexual, há lugar a de tudo um pouco entre ossos partidos a dores de cabeça e casos intrigantes que até nos dias de hoje teriam uma explicação difícil.

De notar que as Centúrias não foram publicadas por ordem de escrita, não se sabe porquê ao certo. Amato dedica em alguns casos as Centúrias aos seus patronos e pacientes mais proeminentes ou a quem lhe possa interessar. As Centúrias são a maior obra de Amato e não falta nelas informação. Foram recentemente (2010) publicadas em dois volumes pela Ordem dos Médicos numa tradução de Firmino Crespo. Em suma:

- 1ª Centúria – Dedicada a Cosme de Médicis, Príncipe da Toscana – 1 de dezembro de 1549 em Ancona
- 2ª Centúria – Dedicada a D. Hipólito d’Este, Cardeal de Ferrara – 1 de maio de 1551 em Roma
- 3ª Centúria – Dedicada a D. Afonso de Lencastre, Comendador-mor de Portugal – 13 de abril de 1554 em Ancona
- 4ª Centúria – Sem dedicatória – 13 de fevereiro de 1553 em Ancona

- 5<sup>a</sup> Centúria – Dedicada a D. José Naci (importante defensor dos judeus em Salónica) – 1 de dezembro de 1561 em Salónica
- 6<sup>a</sup> Centúria – Sem dedicatória - 1559 em Salónica
- 7<sup>a</sup> Centúria – Dedicada a D. Guedelha Yahia – Agosto de 1561 em Salónica

## Capítulo IX – Alguns Casos Curiosos

**1ª Centúria, cura LII:** “De pleurite e da verdadeira razão por que na pleurite se deve sangrar a veia axilar do mesmo braço onde está a dor”

O doente é um indivíduo do sexo masculino de trinta e três anos, robusto e a quem é diagnosticada uma pleurite. Sofria de febre e muita dor na zona das costelas direitas, apresentava tosse e dificuldade em respirar. Amato manda aplicar ao sítio dorido uma bexiga de boi meia cheia com uma decocção que incluía rosas, violetas, malva, camomila, sementes de linho entre outros. Mandou depois que se fizesse uma sangria do mesmo lado da dor até retirar 10 onças de sangue (295mL aproximadamente), altura em que previa que o sangue ficasse de uma tonalidade mais clara ou houvesse perda dos sentidos citando Hipócrates como justificação para a sua prescrição. Prescreveu ainda uma dieta e repouso, sendo que relata que ao fim de 3 dias o paciente expeliu uma lombriga pela boca.

No seu comentário, Amato fala da diferença de opiniões entre o lado do corpo em que se deve mandar fazer a sangria nestes casos e justifica a sua escolha pelo lado onde o paciente sentia maior dor. Ainda neste comentário, Amato explica a propósito das sangrias e das veias como veio a descobrir as válvulas das veias, alongando-se bastante na experiência que realizou sobre o mesmo assunto; Amato descreve como fazendo entrar uma cânula pela veia cava de cima para baixo e soprando por ela, esta ficará efetivamente cheia de ar, mas se a colocação for feita ao contrário já tal não sucede.

Neste caso, Amato descreve a sua descoberta principal e um dos grandes legados que deixou à medicina. Como se disse, esta descoberta é atribuída a outro médico, mas dado o conflito de datas e a explicação tão clara que Amato deixa, haverá pouca margem para dúvidas sobre quem fez realmente a descoberta.

**2ª Centúria, cura VI:** “De uma criança atacada de mal comicial a que chamamos epilepsia”

O doente é um rapaz de 9 anos, que tinha uma ferida na perna cuja cura levou alguns meses, sendo que Amato não precisa quantos apesar de ter tratado a criança ainda nesta primeira fase. Constatava-se que a criança desenvolveu epilepsia quando vai consultar Amato novamente, altura em que a mãe da criança insinua que os episódios de epilepsia se deviam à cura prescrita por Amato para a ferida que a criança tinha tido na perna. O

rapaz foi questionado pelo médico sobre algum tipo de sensação diferente que poderia ter tido e a criança respondeu que antes de ter a ferida curada sentiu um “espírito frio” ir da ferida à cabeça. Amato mandou então reabrir a ferida e fez com que se cauterizasse com ferro quente, tendo o rapaz ficado livre de mais episódios.

Esta cura demonstra que apesar dos avanços a que o mundo assistia no tempo de Amato Lusitano ainda havia muito por explicar e o misticismo, que ia desaparecendo aos poucos, ainda era muito prevalente.

**3ª Centúria, cura LIX:** “Indica-se um excelente remédio para aloirar o cabelo”

Nesta “cura”, Amato simplesmente prescreve um método para clarear o cabelo pois lhe parece o mais seguro e com “grande energia”, ou seja, eficaz. O método inclui a mistura de pó de alkanam<sup>5</sup> com vinho, que deve ser esfregada no cabelo e deixada por 24 horas, sendo este depois lavado com vinho e penteado com pente de marfim.

Esta cura figura nesta seleção por três motivos em particular. O primeiro é o facto de não ser uma cura, mas um conselho ou prescrição sem nenhum paciente ou relação aparente com algum doente que tenha abordado Amato, o segundo tem a ver com o objetivo meramente cosmético, extremamente incomum nos demais casos relatados e o terceiro prende-se com o uso que Amato faz das palavras “remédio” e “medicamento” indistintamente como se fossem sinónimos, o que hoje em dia não é prática correta nem aceite, apesar de ser comum entre a população em geral.

**4ª Centúria, cura XX:** “De um caso de vela de cera introduzida pelo canal urinário que ficou lá dentro.”

Este caso fala de um comerciante de Ancona que apresentava cálculos renais e, em consequência da expulsão dos mesmos, ulcerações do meato urinário e o que levava a dificuldade em urinar normalmente. A terapia que Amato mandava aplicar nestes casos era o “método das velinhas”, inventado por Alderete, professor de Amato em Salamanca. Consistia o tratamento na inserção de uma vela fina de cera branca pela uretra. No caso que Amato relata, a vela não tinha sido bem aplicada, não estando presa a um fio nem sendo longa o suficiente para restar parte da mesma fora da uretra para poder ser puxada. Assim, a vela foi alojada durante 3 a 4 dias encostada ao fundo da bexiga do paciente. Amato mandou fazer pinças de prata para que o cirurgião pudesse extrair a “velinha”,

---

<sup>5</sup> *Alkanna tinctoria*, possivelmente.

mas não obtendo sucesso, a vela acabou por derreter em sair aos poucos com a urina nos três dias seguintes, tendo o doente ficado curado.

Este caso é aqui incluído para demonstrar que Amato não falava apenas dos seus sucessos. Em qualquer prática clínica há erros e é necessária destreza para os saber resolver. Amato partilhou também uma falha o que demonstra grande vontade de ensinar (porque se aprende com os erros alheios) e uma humildade que nem sempre era norma em quem escrevia livros “científicos” na época.

**5ª Centúria, cura LXVIII:** “De egílope, mal contraído, por morbo gálico, no canto dos olhos.”

Não se poderia falar de curas das Centúrias sem falar num caso de sífilis, tão prevalente na altura como já foi mencionado.

A cura mencionada relata o caso de uma mulher de 35 anos, casada, que teria contraído “morbo gálico”, ou seja sífilis, por intermédio do marido que havia sido tratado em Roma. Esta mulher apresentava as úlceras típicas da sífilis nas narinas e uma úlcera não-rebentada no canto interno do olho. No outro olho, apresentava uma “dureza” e na cabeça um grande tumor – tudo isto acompanhado de uma forte dor de cabeça. Apresentava ainda obstipação havia 8 dias e agravamento da sífilis. Amato prescreve um regime alimentar com quantidade e da melhor qualidade e xarope de fumo-da-terra, epítimo, de heléboro e sene e ainda “pílulas” de nitro-de-Alexandre para curar a obstipação, o que terá resultado. Entretanto, prescreveu também raiz-da-China (*Smilax china*) que era o tratamento mais comum na altura para a sífilis e mandou cauterizar a úlcera na zona peri-nasal e mandou aplicar um unguento na zona peri-ocular. No comentário ao caso, Amato alonga-se sobre o facto de se recomendar um tratamento mais ou menos agressivo mediante a localização do problema a tratar e do doente.

Esta “cura” também mostra que Amato se preocupava com o doente, a doença e prognóstico, tal como ensinava Hipócrates, em vez de se focar somente no estudo da doença em si.

**6ª Centúria, cura LXV:** “De pelos nascidos na língua, e assaz compridos.”

Fala-se de um homem que se apresentava doente e que comentou com Amato que lhe nasciam pelos longos na língua em curto espaço de tempo e que podiam ser arrancados com as mãos. Amato afirma acredita que se o homem apresentava pelos na língua também

os apresentaria no coração e que a causa eram os seu negócios com piratas e ladrões, apesar do paciente lhe parecer boa pessoa. Isto acontece por comparação com o ocasião em que, em Ferrara, tinha procedido à dissecação de um ladrão bastante conhecido e encontrado “elementos pilosos” envolvendo o coração sugerindo que se trataria de algum sinal do comportamento ou da moral do paciente.

Esta cura está presente nesta seleção para reforçar a ideia de que me na renascença ainda se ligavam características físicas às morais ou à personalidade, herança da superstição medieval e que apesar de tudo e a par do misticismo, ainda estavam presentes na mente de homens inovadores e tão cultos quanto o tempo em que viviam o permitia.

**7ª Centúria, cura LIII:** “Em que Avicena é restituído de grande erro, respeitante à peste.”

Amato fala, nesta “cura” de um erro grave que lhe deixava motivos para angústia porque se tinha encontrado no meio de uma grande epidemia de peste e precisava saber como proteger as casas que não haviam ainda sido atingidas pela peste. Os documentos de Avicena que possuía afirmavam que o ar devia ser “reparado” com substâncias refrigerantes e humectantes. Contudo, Galeno, outros médicos e o próprio Avicena teriam, mais tarde, contrariado esta informação. Amato pesquisou variadíssimas edições e traduções do texto original em latim, grego, hebreu e árabe e chegou à conclusão de que falar em substâncias refrescantes e humectantes havia sido um erro de tradução e se deveriam preferir substâncias refrescantes e secantes. Amato termina sugerindo veementemente que traduções sejam feitas por duas ou três pessoas e não uma só.

Este caso está presente neste capítulo uma vez que, tendo Amato morrido de peste, importa saber o que dizia o mesmo desta doença. Porém, o motivo maior, é mostrar que Amato, apesar de seguir e respeitar os ensinamentos Clássicos, não tinha receio de efetuar correções e discordar do que lhe parecesse necessário, questionando e colocando hipóteses como um verdadeiro homem da “ciência”.

## Capítulo X – O Juramento de Amato Lusitano

Na Sétima Centúria de Amato Lusitano figura como se segue:

“Juro perante Deus imortal e pelos seus dez santíssimos sacramentos, dados no Monte Sinai ao Povo Hebreu, por intermédio de Moisés, após o cativeiro no Egipto, que na minha clínica nunca tive mais a peito do que promover que a Fé intacta das coisas chegasse ao conhecimento dos vindouros.

Nada fingi, acrescentei ou alterei em minha honra ou que não fosse em benefício dos mortais.

Nunca lisonjuei, nem censurei ninguém ou fui indulgente com quem quer que fosse por motivo de amizades particulares;

Sempre em tudo exigi a verdade;

Se sou perjuro, caia sobre mim a ira do Senhor e de Rafael seu Ministro e ninguém mais tenha confiança no exercício da minha arte;

Quanto a honorários, que se costuma dar aos médicos, também fui sempre parcimonioso no pedir, tendo tratado muita gente com mediana recompensa e muita outra gratuitamente.

Muitas vezes rejeitei firmemente grandes salários, tendo sempre mais em vista que os doentes por minha intervenção recuperassem a saúde do que tornar-me mais rico pela sua liberalidade ou pelos seus dinheiros;

Para tratar os doentes, jamais cuidei de saber se eram hebreus, cristãos, ou sequazes da Lei Maometana;

Nunca provoquei a doença;

Nos prognósticos sempre disse o que sentia;

Não favoreci um farmacêutico mais do que outro, a não ser quando nalgum reconhecia, por ventura, mais perícia na arte e mais bondade no coração, porque então o preferia aos demais;

Ao receitar sempre atendi às possibilidades pecuniárias do doente, usando de relativa ponderação nos medicamentos prescritos;

Nunca divulguei o segredo a mim confiado.

Nunca a ninguém propinei poção venenosa;

Com a minha intervenção nunca foi provocado o aborto;

Nas minhas consultas e visitas médicas femininas nunca pratiquei a menor torpeza;

Em suma, jamais fiz coisa de que se envergonhasse um Médico preclaro e egrégio.

Sempre tive diante dos olhos, para os imitar, os exemplos de Hipócrates e Galeno, os Pais da Medicina, não desprezando as Obras Monumentais de alguns outros excelentes Mestres na Arte Médica;

Fui sempre diligente no estudo e, por tal forma, que nenhuma ocupação ou circunstância, por mais urgente que fosse, me desviou da leitura dos bons autores;

Nem o prejuízo dos interesses particulares, nem as viagens por mar, nem as minhas pequenas deambulações por terra, nem por fim o próprio exílio, me abalaram a alma, como convém ao Homem Sábio;

Os discípulos que até hoje tenho tido, em grande número e em lugar dos filhos, tenho educado, sempre os ensinei muito sinceramente a que se inspirassem no exemplo dos bons;

Os meus livros de Medicina nunca os publiquei com outra ambição que não fosse o contribuir de qualquer modo para a saúde da Humanidade;

Se o consegui, deixo a resposta ao julgamento dos outros, na certeza de que tal foi sempre a minha intenção e o maior dos meus desejos”

Feito em Salónica, no ano do Mundo 5.319 (1559 da nossa Era).”

De notar é a semelhança entre o Juramento que Amato escreveu e a sua própria conduta com aquilo que figura no Juramento de Hipócrates, o primeiro juramento médico.

No princípio, Amato invoca Deus, tal como Hipócrates invocou os deuses e deusas do Olimpo, pedindo de certo modo auxílio para a tarefa a que se propõem.

Amato dá, em seguida, grande relevância à verdade e não corrupção, o que em Hipócrates pode ficar subentendido ou não, mas não é absolutamente explícito. Também Amato fala da não aceitação de grandes salários por parte de pacientes; Hipócrates apenas toca na questão da remuneração para dizer que não cobrará por educar os filhos dos seus mestres mas nada aponta no que diz respeito à compensação enquanto médico propriamente dito. Outro ponto que Amato foca e Hipócrates não é a não discriminação entre pacientes, em especial pela sua religião – tendo Amato sido vítima de tanta perseguição pela sua religião, acaba por ser justificável a sensibilidade que teria para casos similares ao seu próprio.

Tal como Hipócrates, Amato refere a prioridade ao não prejudicar mesmo que não possa curar, não administrar venenos ou não participar em processos de aborto bem como na equiparação dos discípulos/alunos a filhos. Amato cita também a sua dedicação à

medicina e ao não se distrair do que realmente é importante para ele, bem como os seus modelos a seguir como o próprio Hipócrates e outros.

Ambos desejam para si mesmos consequências negativas se não cumprirem aquilo a que se propõem, a diferença é que Hipócrates termina com esse desejo e Amato termina manifestando vontade de que os demais julguem o seu trabalho e desejando que seja útil.

Embora os dois juramentos tenham, sem dúvida, pontos em que se podem equiparar, são diferentes e talvez demonstrem personalidades, costumes e modos de pensar bastante diferentes e alinhados com a época em que são escritos.

## Conclusão

Posta a vida e a obra de João Rodrigues Amato Lusitano, retoma-se a noção de que era um Humanista dedicado e um homem do seu tempo.

No primeiro capítulo foi possível ter um vislumbre “estado da arte” da medicina no século XVI, informação essa que urge ter em atenção no decorrer da análise da vida e da obra de Amato por forma a entender que tudo era completamente díspar e distinto do que há hoje em dia. A começar pela própria questão da identidade e genealogia de Amato; hoje em dia, o nascimento e filiação ficam logo registados, já para não tocar sequer na questão da identidade religiosa e ideológica de Amato. A falta de certeza absoluta sobre o princípio de vida de Amato acaba por também influenciar o que se sabe e se pode deduzir sobre a vida universitária e, em verdade, profissional de Amato Lusitano.

Sabe-se, isso sim, que a formação académica de Amato parece ter influenciado transversalmente toda a sua carreira e modo de pensar e agir ao longo do tempo; Amato acreditava numa formação sólida e na educação contínua como se pode observar em várias descrições suas e no seu juramento. Embora Amato já pudesse ser alguém predisposto naturalmente à curiosidade e à vontade de estudar, a formação académica tem o poder de incentivar, encorajar e cultivar um aspeto tão vital, em particular quando se trata da área da saúde e mais ainda num tempo como o de Amato em que havia tanto por descobrir e o conhecimento avançava a um ritmo tão acelerado em comparação com os mil anos que precederam o Renascimento. É possível que os tempos não sejam tão diferentes no século XXI, uma vez que os profissionais de saúde também se deparam com novos desafios, muitas questões ainda sem resposta, uma necessidade de estudar diariamente e de se atualizarem frequentemente, uma indispensabilidade de recordar que em ciência os dogmas e dados adquiridos devem ser olhados com cautela podendo ser desmentidos a qualquer momento e uma rapidez nunca antes vista na transmissão de conhecimento de toda a espécie. Há um paralelismo notório.

Outro paralelismo também pode ser feito com a necessidade de fuga que Amato teve pelas perseguições religiosas de que ele e tantos outros como ele eram alvo. Perseguições

religiosas que, de uma maneira ou de outra, com umas vítimas ou com outras perduram em pleno século XXI, tão distante do século XVI de Amato.

A medicina mereceu a Amato a sua total devoção e o ser humano era a sua prioridade, independentemente de raça ou credo, o que, na altura, não era, de todo comum, como se pode observar ao longo da narração da sua. Mesmo apesar das dificuldades e perseguições, bem como da vida itinerante, Amato atingiu sucesso como médico, não só na sua prática diária, mas também em descobertas que legou à Humanidade e nas obras que deixou para as gerações vindouras. Amato tentou fazer sempre o máximo daquilo que tinha ao seu alcance no que dizia respeito a possíveis curas e remédios à sua disposição, podendo, portanto, ser considerado exemplar como médico. Assim, cabe ressaltar o papel importante que teve como professor, com certeza a sua dedicação e rigor terão inspirado muitos dos seus alunos e discípulos ao longo da sua vida e da dos que lhe sobreviveram.

Amato deixa para a posteridade um exemplo a seguir no rigor com que trabalhava e na ação sempre de acordo com os seus princípios. Quer se esteja ou não ligado à medicina ou à farmácia, é enriquecedor poder olhar para exemplos como o de Amato que inclusive morreu no auxílio ao próximo e no cumprimento do dever que se atribuiu enquanto médico. Mais, o estudo contínuo das obras e inovações ao seu dispor, apesar de não haver na altura a facilidade de comunicação do presente e o sair da sua zona de conforto são indubitavelmente lições a tirar da vida de Amato.

Os objetivos gerais do presente trabalho eram enquadrar a obra nos eventos da vida de Amato e fica claro que a sua obra é de suma importância para o mesmo e que é não só influenciada, mas ditada pelo decorrer da sua vida e pelos locais por onde passou. Amato tinha o passado em vista, nomeadamente a Antiguidade Clássica onde se inspirava de acordo com os preceitos vigentes no Renascimento, mas sem sombra de dúvida pensou no futuro por ter ensinado jovens médicos e por ter deixado escrito algo do que vivenciou e explorou.

## Bibliografia

Corrêa, E. M. S. (2012), *Judaísmo e Judeus na Legislação Portuguesa da Medievalidade à Contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História.

Cunha, A. P et al. (2012), *Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterapia*, 4ª edição, Fundação Calouste de Gulbenkian

Dias J. L. (1955), *Homenagem ao Doutor João Rodrigues de Castelo Branco*. Castelo Branco: Câmara Municipal

Dias, J. L. (1971), *Biografia de Amato Lusitano e outros ensaios amatianos. Naturalidade, família e parentes. O amor à terra natal. Estudos em Salamanca*. Estudos de Castelo Branco: revista de história e cultura , N.º 37

Ferraz, A. R. (2013), *João Rodrigues de Castelo Branco, o Médico Amato Lusitano (1511-1568)*. Lisboa. Acta Med Port 2013 Sep-Oct

Ferreira, S. C. (2007), *Preços e Salários em Portugal na Baixa Idade Média*. Dissertação de Mestrado. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Hippocrates (2016), in *Encyclopaedia Britannica Online* [em linha] Disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Hippocrates>> [Consultado em 18/09/2016]

Lemos, M. (1907), *Amato Lusitano. A sua Vida e A sua Obra*. 1ª Edição. Porto, Eduardo Tavares Martins.

Lusitano, A. (1536), *Index Dioscoridis*, Antuérpia

Lusitano, A., (2010), *Centúrias de Curas Mediciniais, Vols I e II*. Lisboa, Centro Editor da Ordem dos Médicos.

Ma, S. C. et al. (2001), *In vitro evaluation of secoiridoid glucosides from the fruits of Ligustrum lucidum as antiviral agents*. Tóquio, Chem Pharm Bull

Montes, J. A., García, M. C. R. (1994), *Los estudios de la Facultad de Medicina en la Universidad de Salamanca de finales del siglo XVI*. Salamanca. Espacio, Tiempo y Forma, Serie IV, H." Moderna, t.7

Morais, J. A. D. (2015), *Amato Lusitano*. Lisboa: Edições Colibri.

Pinto, P. M.; Mateus, S. B. (2013), *O Massacre dos Judeus* 1ª Edição. Lisboa: Alêtheia Editores.

Pita, J. R. (1998) *História da Farmácia*. Coimbra: Edições Minerva.

Pita, J. R. (1999), *Um livro com 200 anos: A Farmacopeia Portuguesa (Edição oficial). A publicação da primeira farmacopeia oficial: Pharmacopeia Geral (1794)*, Lisboa. Revista de História das Ideias

Popes, The. , in *Jewish Encyclopedia* [em linha] Disponível em <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/12273-popes-the>> [Consultado em 10/09/2016]

Ramalho, A. C., (1962), *A propósito do "Amato Lusitano" de Ricardo Jorge*. Revista Portuguesa de História, tomo X

Rasteiro, A., (1995) *Amato e os Nasci. Medicina na Beira Interior, da Pré-História ao Século XX*. Castelo Branco. Cadernos de Cultura, nº. 9

"Renascimento" (1978), in *Lello Universal* (Vol. II) Porto: Lello Editora, Vol. II pp.736-737

“Renaissance” (2015), in *Encyclopaedia Britannica Online* [em linha] Disponível em <<https://www.britannica.com/event/Renaissance>> [Consultado em 14/09/2016]

Santander, T. (1984), *Escolares Médicos en Salamanca (Siglo XVI)*. Salamanca: Europa Artes Gráficas.

Serrão, J. (1976), *Pequeno Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais

Tampa, M., et al. (2014), *Brief History of Syphilis*. *Journal of Medicine and Life*,. [Em linha] Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3956094/>. [Consultado em 22 /8/2016].